



GRAMÁTICA

com Fernanda Pessoa

Funções da Linguagem

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Se tem um conteúdo que cai na prova de Linguagens todos os anos no Enem, esse conteúdo são as **funções da linguagem**.

Competência 6 - compreensão e uso dos sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H19 - análise da função da linguagem predominante nos textos e em situações específicas de interlocução.

Na maioria delas, é cobrado tanto que você saiba qual foi o **objetivo e/ou a finalidade de produção de um determinado texto**, seja ele verbal, não verbal ou até multimodal quanto quais são as principais características e procedimentos utilizados no momento de produção desses textos.

De uma forma ou de outra, saber sobre as funções da linguagem pode ajudar você a melhorar a sua interpretação não só para as questões deste assunto ou de Linguagens, mas para toda a prova e, até, para leituras da vida, porque é no momento em que entendemos a verdadeira finalidade de um texto que passamos a entendê-lo com “olhos” de quem o produziu, deixando um pouco de lado subjetividades e compreendendo melhor as várias funções que a linguagem pode desempenhar através de diferentes situações de uso da língua.

PARA COMEÇO DE CONVERSA...

(...)

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

(...)

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade. A rosa do povo. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 13-14.

Em quase tudo na vida, somos obrigados a nos adequar e a nos adaptar ao contexto em que estamos, seja para melhor viver ou, até, para sobreviver mesmo. **alô, Charles Darwin**

E com a linguagem acontece a mesmíssima coisa.

No poema, Carlos Drummond de Andrade chama atenção para a palavra, **um instrumento da linguagem que utilizamos a todo momento** e, justamente por isso, **nem sempre utilizamos da melhor forma**.

Como assim?

É simples.

A linguagem é o meio pelo qual nós, seres humanos, representamos o mundo, expressamos os nossos pensamentos, nos comunicamos e influenciamos uns aos outros. Já estudamos que ela pode se manifestar de diferentes formas, como por meio de um gesto, de um olhar, de palavras, de símbolos.

Seja qual for o tipo utilizado, sempre há uma **mensagem** a ser transmitida e, sobretudo, um **objetivo** específico que se deseja obter com o ato comunicativo.

Na língua escrita, por exemplo, o emissor não está em contato direto com o receptor e, por isso, a explicitação de todos os elementos é fundamental para a **compreensão da mensagem** e o contexto extralinguístico (como a entonação da voz e a expressão no rosto) deve ser descrito em detalhe.

Já em uma conversação natural, são muitas as informações que não precisam aparecer sob a forma de palavras, já que o contexto situacional e os dados que falante e ouvinte dominam, um do outro, permitem a seleção das informações que serão subtendidas.

Quando alguém em sala de aula levanta a mão e diz “Fernanda, tá frio!” ou noto que alguém está esfregando uma mão contra a outra, antes de fazer uma anotação, normalmente isso significa uma coisa: aumentar a temperatura do ar-condicionado.

Mesmo sem um pedido direto, eu, enquanto interlocutora, por entender o contexto de produção de ambas as mensagens, consigo decodificar o que desejavam – através da fala no primeiro caso e dos gestos, no segundo.

O problema é que na ausência ou no mau uso de um dos elementos, diz-se que houve ruído na comunicação, o que significa dizer que ela não foi bem-sucedida. No exemplo acima, se não houvesse

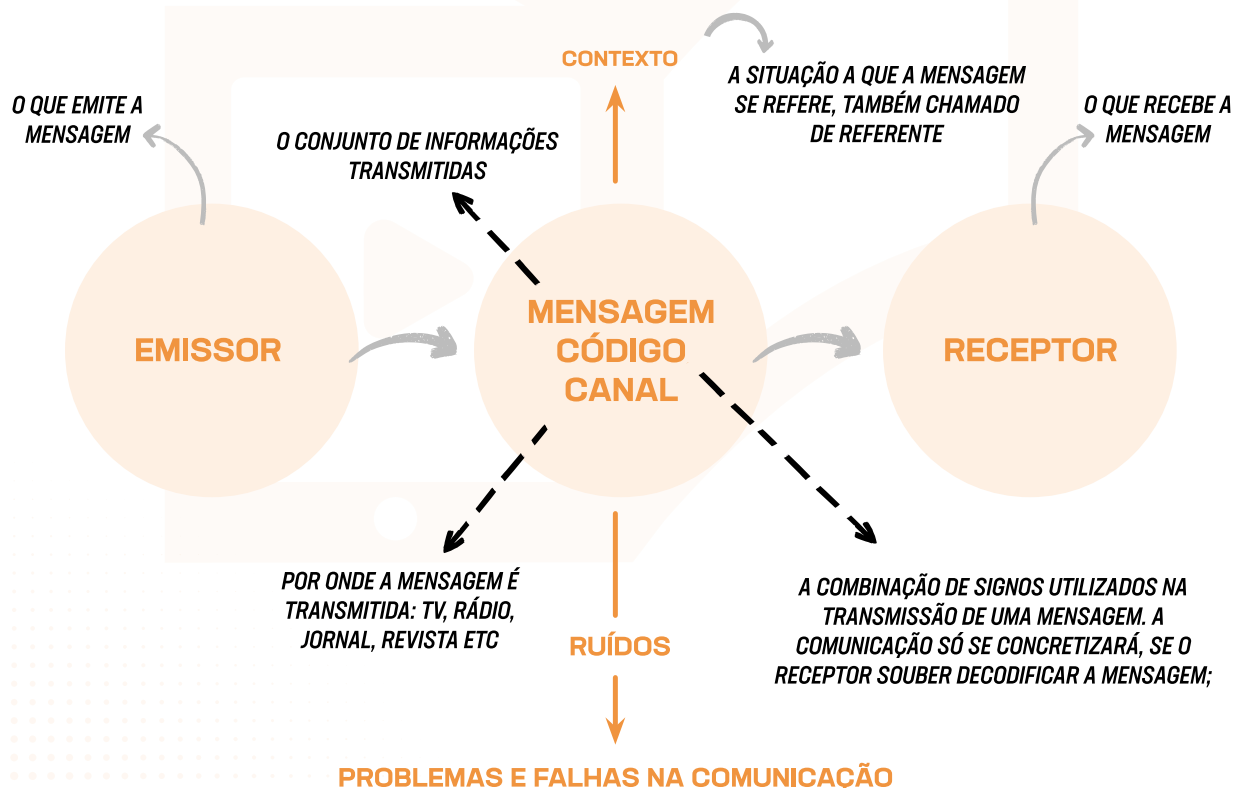
alguém reclamando do frio (por timidez, vamos supor) ou, por desatenção minha, eu mesma não notasse os gestos que me levaram a supor que havia alguém com frio, tava todo mundo como Jack no final de *Titanic*.

Para que não restem dúvidas, pensemos nas piadas. Você já deve ter assistido a alguma premiação importante, como o Oscar ou ao Grammy e não dever ter entendido alguma piada, mesmo sabendo inglês. Isso acontece porque elas são textos que exigem inferências por parte do ouvinte, já que seu conteúdo ultrapassa o âmbito da mera significação das palavras, jogando com uma contextualização mais ampla e com dados que são de conhecimento restrito de um grupo social, de uma comunidade específica, de um momento histórico. Não é à toa que, às vezes, não entendemos piadas de americanos e ingleses, por exemplo, que se consideram grandes humoristas. Por não dominarmos as referências culturais, contextuais ou situacionais das suas piadas, não conseguimos fazer as inferências necessárias.

Nesse sentido, é importante conhecermos os elementos, para que possamos fazer um bom uso deles e estabelecermos atos comunicativos eficazes.



ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO



Esses elementos funcionam de maneira coordenada e simultânea, são todos igualmente relevantes para a comunicação, pois a organização da linguagem é essencial para que ela cumpra plenamente suas funções.

Explicitados os elementos constitutivos da comunicação, ficará mais fácil compreender o assunto. Isso porque, como já vimos, o **emissor**, ao transmitir uma mensagem, sempre tem um objetivo: informar algo, demonstrar seus sentimentos, convencer alguém.

Consequentemente, **a linguagem passa a ter uma função.**

Outro ponto extremamente importante que não pode deixar de ser destacado é que raramente se encontram mensagens em que haja apenas uma das funções que iremos estudar; na maioria das vezes o que ocorre é uma hierarquia de funções em que predomina ora uma, ora outra. A classificação das funções da linguagem depende das relações estabelecidas entre elas e os elementos do circuito da comunicação.

FUNÇÃO APELATIVA/ CONATIVA

Para se lembrar da função apelativa/conativa, uma boa dica é lembrar-se dos anúncios publicitários. A publicidade apropriada dessa função para a formulação de sua linguagem, dando ênfase aos níveis gráfico, visual e sonoro dos signos, conforme o canal que conduz a informação: outdoor, revista, televisão, rádio.

O objetivo é influenciar, convencer o receptor de alguma coisa por meio de uma ordem, sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça! Participe!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!).

Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

O uso dos verbos no imperativo é um forte recurso das propagandas, mas a parte visual é predominante. O uso de pessoas famosas, como Rihanna, faz toda diferença na hora de conquistar o consumidor.



FUNÇÃO REFERENCIAL/ DENOTATIVA

Como o próprio nome indica, nesta função o centro da comunicação é o referente, ou seja, a mensagem é voltada para a referência ao mundo, como ocorre em notícias de jornal ou quaisquer textos informativos a respeito da realidade exterior à comunicação.



Fonte: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/06/19/Guerra-na-Ucr%C3%A2nia-%E2%80%98pode-durar-anos%E2%80%99-diz-secret%C3%A1rio-geral-da-Otan>. Acesso em: junho, 2022.

Por isso, nela o emissor procura fornecer informações sobre a realidade, da forma mais objetiva possível, evitando apresentar sua opinião pessoal, utilizando uma linguagem direta, denotativa.

Nesse tipo de texto a ênfase é dada ao conteúdo, às informações. Geralmente, então, usa-se a 3ª pessoa do singular.

É a linguagem das redações escolares, principalmente das dissertações, das narrações não-fictícias e das descrições objetivas. Caracteriza também o discurso científico, o jornalístico e a correspondência comercial.

O Brasil conheceu em 2015 a pior epidemia de dengue de sua história. Segundo o Ministério da Saúde, foram notificados mais de um milhão de possíveis casos da doença, que resultaram em mortes.

Viu, além disso, a chegada do vírus zika, que rapidamente se espalhou pelo território. Dados oficiais estimam em ao menos mil o número de possíveis contaminações por esse agente infeccioso.

A princípio considerado pouco perigoso, o zika tornou-se motivo de inquietação após ser confirmada a relação entre o vírus e o nascimento de bebês com microcefalia.

Tais números evidenciam as diversas falhas no combate ao mosquito transmissor dos dois patógenos, o famigerado **Aedes aegypti**.

Como se não bastasse, é provável que esse quadro se agrave em 2016. Dados

oficiais mostram municípios sob risco de novas epidemias de dengue, zika e chikungunya e em situação de alerta – cifras mais expressivas do que as registradas no ano passado.

Diante de tal situação, seria de se esperar que as autoridades buscassem com máxima presteza todos os meios para enfrentar a doença e o seu transmissor. O sentido de urgência, entretanto, parece não contaminar a burocracia nacional.

Folha de S. Paulo, 11 de dezembro de 2015 (fragmento).

A função da linguagem predominante no trecho é referencial, uma vez que o destaque dado pelo autor é o assunto. Portanto, são esperados fatos concretos (“O Brasil conheceu em 2015 a pior epidemia de dengue de sua história. Segundo o Ministério da Saúde, foram notificados mais de 1,5 milhão de possíveis casos da doença, que resultaram em 811 mortes.”) descritos de forma objetiva e impessoal (“A princípio considerado pouco perigoso, o zika tornou-se motivo de inquietação após ser confirmada a relação entre o vírus e o nascimento de bebês com microcefalia”).

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

A função metalinguística é a mensagem que fala de sua própria produção discursiva.

Um livro convertido em filme apresenta um processo de metalinguagem, uma pintura que mostra o próprio artista executando a

tela, um poema que fala do ato de escrever, um conto ou romance que discorre sobre a própria linguagem etc. são igualmente metalinguísticos.

O dicionário, por exemplo, é metalinguístico por excelência.

Era uma vez em... Hollywood (2019) retrata a Sétima Arte em uma época de transformação, em que novas tendências surgiam e deixavam para trás técnicas e atores.

Pode-se dizer que o filme utiliza a metalinguagem para expor as angústias de um dos personagens, Rick Dalton (Leonardo DiCaprio), um ator galã dos faroestes do final da década de 60 nos Estados Unidos, através dos bastidores do cinema no próprio decorrer da trama.



Na obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, essa função também fica evidente em alguns trechos da obra. No trecho a seguir, entre parênteses, vemos essa ocorrência, pois há o comentário o sobre o ato de escrever/narrar durante o decorrer da história.

Macabéa por acaso vai morrer? Como posso saber? E nem as pessoas ali presentes sabiam. Embora por via das dúvidas algum vizinho tivesse pousado junto do corpo uma vela acesa. O luxo da rica flama parecia cantar glória.



Anote aqui



Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.